

O dendê não faz milagres

Categories : [Reportagens](#)

Domingo, o jornal inglês *The Independent* [noticiou a morte de pelo menos mil orangotangos provocada pelo pior incêndio florestal registrado na Indonésia em uma década](#). A causa do fogo foi o interesse de abertura de novas áreas para o plantio de palmeiras cujo óleo é cada vez mais valorizado no mercado do biodiesel.

Na onda dos cultivos de oleaginosas para produção de combustíveis aparentemente ecológicos, o dendê procura um lugar de destaque entre as demais plantas. Embora reduza a biodiversidade e quebre o equilíbrio da cadeia alimentar – consequências incontestáveis de qualquer monocultura – a palmeira tem a preferência de acadêmicos, que defendem suas vantagens ambientais.

Segundo Orlando Silva, pesquisador do Instituto de Eletrotécnica e Energia da Universidade de São Paulo (IEE/USP), a palma do dendê seqüestra gás carbônico da atmosfera e permite a recuperação de áreas desflorestadas e desgastadas. A planta também se diferencia de outros cultivos, como a cana-de-açúcar, porque não precisa remexer tanto o solo. Cada palmeira produz frutos por 30 anos e não exige muitos defensivos agrícolas, o que diminui as chances de contaminação do solo e de lençóis freáticos. Do ponto de vista econômico, enquanto em um ano a mamona produz cerca de 500 litros de óleo por hectare, o dendê atinge os cinco mil litros. Portanto, é 10 vezes mais produtivo. Só tem um detalhe: as melhores terras para o cultivo do dendê são as tropicais úmidas. E, de acordo com a [Embrapa Amazônia Oriental](#), o Brasil tem a maior área cultivável do mundo, 70 milhões de hectares nos estados do Pará, Amazonas, Acre, Bahia, Amapá, Rondônia, Roraima e Tocantins. Mais uma ameaça iminente à floresta amazônica.

Um dos motivos que justificam a lentidão nos investimentos em plantações de dendê é a legislação ambiental. Produtores reclamam do Código Florestal, que estabelece a manutenção da floresta nativa em pé em 80% dos terrenos das propriedades na Amazônia, o que limita o plantio em 20% da área. “Você conhece alguém que compra um apartamento de cinco quartos, concreta quatro portas e paga condomínio de tudo? É mais ou menos isso que acontece por aqui. Quem começou no passado [*antes da MP 2.166-67, de agosto de 2001, que exige 80% de reserva legal*], ficou. Agora é mais difícil entrar”, explica Marcello Brito, diretor comercial da [Agropalma](#), maior produtora de óleo de palma da América Latina, no mercado desde 1982.

Exceção

Isoladamente, a Agropalma é um caso de sucesso. Localizada a 70 quilômetros da cidade de [Tailândia \(PA\)](#), tem hoje 34 mil hectares de área plantada, 77 mil hectares de reserva legal e emprega 10 mil funcionários direta e indiretamente no plantio e processamento do óleo de palma. Todo mês, 185 famílias da região são beneficiadas com o programa de agricultura familiar, que garante um salário fixo de R\$ 1.800 para cada uma. Grande parte da produção de óleo de dendê da empresa, aproximadamente 75%, é destinada à indústria alimentícia. O restante é dividido entre os setores químico, oleoquímico (tintas e vernizes), cosmético, higiene pessoal, têxtil e siderurgia (laminação do aço).

Desde o início do ano passado, a Agropalma passou a investir também no diesel vegetal proveniente do dendê, graças a uma tecnologia desenvolvida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O *palmdiesel*, como foi batizado, é obtido a partir dos ácidos graxos residuais do processo de refino do óleo de palma. A planta da empresa em Belém (PA), com capacidade para produzir 20 milhões de litros do produto por ano, processa hoje oito milhões de litros – quantidade que a matéria-prima disponível permite. O volume é suficiente para substituir 100% do diesel convencional que a Agropalma utiliza hoje em seus tratores, veículos e implementos utilizados no cultivo da palma. E ainda há um excedente que é vendido para Petrobras e Vale do Rio Doce.

Mas ainda é pouco. A produção anual da Agropalma é tão pequena que não consiste em redução de emissões de carbono significativas. Muito menos para atender a demanda internacional. Ainda bem, pois para produzir o diesel de palma em larga escala e abastecer os mercados externos, a Amazônia provavelmente seria reduzida a passos largos. Somente a Agropalma, no início da construção de seu império, cortou 15 mil hectares de florestas para o cultivo do fruto.

O óleo de palma é o segundo tipo mais consumido no planeta, perde apenas para o óleo de soja. A produção mundial chega a 17 milhões de toneladas/ano e quem sustenta esta produção são os países asiáticos. O Brasil tem uma participação de menos de 0,5% neste mercado internacional e se quiser brigar por um lugar mais competitivo deve pensar bem. A Malásia, por exemplo, obteve o título de maior produtora mundial do óleo de palma às custas da eliminação de quase toda sua mata nativa.